

A large, stylized number '3' is the central graphic of the page. It is composed of three main parts: a top oval, a middle curved band, and a bottom curved band. The top and bottom bands are white, while the middle band is a light gray. The entire graphic is set against a white background.

# DOSSIÊ

HISTÓRICO: PROPP E JAKOBSON

# Propp e Jakobson: dois momentos do formalismo russo

Marcos Lopes  
Serguei Tchugunnikov  
Boris Schnaiderman

Vladimir Propp é conhecido como inventor da “morfologia do conto”. O próprio termo “morfologia”, juntamente com as célebres epígrafes de Goethe para os capítulos desse estudo de 1928, associam seu autor à tradição morfológica alemã. Tais indícios são apenas alguns dos componentes da afiliação germânica de Propp, que se reveste ainda de outras afinidades mais profundas.

Vladimir Jakovlevich Propp nasceu em 16 de abril de 1895 em São Petersburgo. Foi batizado pelo pastor da paróquia luterana de Sant’Ana e na ocasião recebeu por nome Hermann Woldemar. Seu pai, Johann Jakob Propp, era um “alemão-russo” da colônia alemã de Saratov. Trabalhava para a firma dos irmãos Schmidt, que fornecia farinha a todas as padarias alemãs da então capital russa (MARTYNOVA 2002 : 7<sup>1</sup>). A mãe de Vladimir, cujo nome de solteira era Anna Beisel, falava alemão; os filhos do casal falavam alemão com a mãe, russo com o pai e francês com a governanta (Martynova 2002 : 8).

No início de seus estudos na Universidade de São Petersburgo, Vladimir Propp inscreveu-se no Departamento de Literatura Alemã, que ele abandonaria no início da Primeira Grande Guerra (1914) para se transferir ao Departamento de Filologia Russa e Eslava. Ao trabalhar como voluntário do hospital militar da capital, Propp, segundo suas próprias palavras, “compreendeu a Rússia” e “tornou-se russo”. Ao final de seus estudos, em 1921, enquanto ensinava língua e literatura russa na escola secundária, inscreveu-se no Instituto de Teologia Ortodoxa. A partir de 1926, começa a ensinar o alemão no Instituto Politécnico para logo em seguida tornar-se Chefe do Departamento de Filologia Alemã no Instituto de Línguas Estrangeiras. Em seu diário, Propp dá provas de sua paixão pelo romantismo alemão e pela filosofia idealista do Século XIX, que reforçam sua

<sup>1</sup> Sobre outras fontes biográficas de Propp, ver também Martynova (2006) e Warner (2005).

“predisposição ao misticismo” (MARTYNOVA 2002 : 8-9). Propp estuda o Evangelho, os escritos do bem-aventurado Serafim de Sarov e os textos do pensador e padre ortodoxo P. Florênski, além do simbolismo da pintura icônica. Desejava participar da construção de uma nova cultura espiritual e eclesiástica. De 1937 a 1969, isto é, praticamente até o ano de sua morte (1970), ele ensina na Universidade de São Petersburgo (Leningrado), inicialmente no Departamento de Filologia Romano-Germânica e a seguir no Departamento de Folclore e Literatura Russa (MARTYNOVA 2002 : 10).

O diário de Propp traz uma nota significativa: “Tenho em mim um dom maldito: desde o primeiro olhar sobre qualquer coisa eu vejo a forma. Lembro de um dia na *datcha*<sup>2</sup> de Pavlosk em que vi um compêndio de contos de Afanássiev. Abri o livro no conto nº 50 e fui lendo daí em diante. Compreendi imediatamente: a composição de todos os temas é a mesma” (MARTYNOVA 2002 : 12). Assim se deu o início de seu trabalho sobre a morfologia do conto, em que ele trabalhou durante dez anos, varando noites e durante as férias, sozinho, sem pedir ajuda ou conselho a ninguém. O manuscrito teve boa acolhida da parte de reconhecidos intelectuais, dentre os quais os teóricos formalistas V. Jirmunsky e B. Eikhenbaum. Publicado em 1928, caiu no esquecimento até 1958, data de sua tradução para o inglês.

O livro de Propp recebeu críticas violentas, típicas da atmosfera “antiformalista” que reinava na União Soviética dos anos 1930. A principal acusação consistia em considerar a abordagem de Propp uma análise de um “esqueleto” tomando o lugar de uma “arte viva”. Respondendo a esses adversários, Propp salientava que os zoólogos haviam sido capazes de criar uma sistematização científica unicamente a partir da análise dos esqueletos e do ambiente biológico dos organismos vivos (*ibid.*).

Em 1946, Propp publica seu segundo livro célebre, *Raízes históricas do conto mágico*, anteriormente apresentado como sua tese de doutorado. Essa publicação lhe rendeu a expulsão da Academia de Ciências sob a acusação-padrão de “formalismo” e de “tendências burguesas no folclore”: misticismo e idealismo. Os ataques sofridos por Propp acabaram por lhe trazer uma crise cardíaca e grandes dificuldades de difusão de seus escritos: nos nove anos subsequentes ao episódio tudo o que ele conseguiu publicar foram três artigos sobre o folclore e um trabalho sobre os artigos da língua alemã (*ibid.*).

Alguns célebres teóricos de língua francesa, notadamente Claude Lévi-Strauss, leram Propp com as lentes do estruturalismo vigente em seu próprio contexto, de forma que foram levados a identificar na obra do folclorista elementos metodológicos distribucionistas e funcionalistas. O “funcionalismo” proppiano, porém, é fruto do singular ambiente ideológico russo-germânico do final dos anos 1920 na Rússia, período ligado às reviravoltas pós-revolucionárias e pelo *Sturm und Drang* formalista - muito diferente, portanto, do estruturalismo francês. Foi esboçada também uma imagem de Propp como teórico solitário, mais formalista que os formalistas russos, esses que se deixariam levar pelo ensaísmo e

<sup>2</sup> *Datcha* (ou *dacha*): casa de campo tradicional russa.

por uma espécie de futurismo. Foram feitas tentativas de reduzir as famosas trinta e uma funções do conto mágico a seis, com vistas a emparelhá-las ao esquema universal de comunicação de Jakobson. A questão é, uma vez mais, menos um problema de abstração do que de fundamentos: a morfologia de Propp é indissociável de seu meio intelectual de origem. Sem desconsiderar seu potencial inspirador para outros sistemas teóricos, o que permanece sendo possível, é uma distorção interpretá-la fora desse contexto. Antes de mais nada, Propp não foi “formalista por excelência”: ele é um dentre muitos outros membros do movimento que se espalha pelo território do antigo Império, de São Petersburgo à Ucrânia. O formalismo russo - e, em particular, a vertente praticada por Propp - não deve ser interpretado fora desse ambiente, da Rússia dos anos 1910-1920. Pode-se identificar nesse movimento uma certa dinâmica de grupo cuja ideologia comum, apesar da multiplicidade de pensamento, consistia em traspor para o solo russo um objeto bastante familiar: a poética morfológica alemã. Esta remonta tanto aos então recentes projetos sobre a composição da narrativa oriundos da retórica alemã (R. Riemann, B. Seuffert, Otmar Schissel von Fleischenberg, O. Walzel, W. Dibelius<sup>3</sup>) quanto ao projeto morfológico de Goethe e Herder. A tradição morfológica alemã constitui o ponto de partida das reflexões sobre a forma - tanto da língua quanto da literatura - que emerge com grande vitalidade na Rússia do fim do século XIX (com A. Potebniá e A. Vesselóvsky) e no início do século XX com o movimento formalista. Este, por sua vez (cujos núcleos “clássicos” de Moscou e de Petersburgo eram integrados por Polivánov, Jakubinsky, Jakobson, Chlóvsky, Tyniánov, Eikhenbaum, Jirmunsky), impulsiona o círculo de M. A. Petróvsky (1921) e de seu discípulo A. A. Reformatsky (1922) no qual a reflexão de Propp se desenvolveu.

A “guinada histórica” na obra de Propp aparece sob a forma de uma transferência dos motivos do conto à realidade histórica onde suas raízes estariam fincadas. Para o autor, as formas dos contos, assim como seus motivos, estão impregnadas da superestrutura social em cujo ambiente se desenvolvem essas formas parciais. Os motivos e os personagens dos contos contêm indícios de instituições primitivas desaparecidas: são seus fósseis, são pegadas de realidades sociais abandonadas. Assim como as conchas petrificadas, os contos guardam os traços de vidas há muito apagadas da história. Para encontrar as fontes de seus motivos, é legítimo compará-los aos rituais, aos costumes populares e aos mitos. A gênese dos contos encontraria explicação nas formas do pensamento primitivo do qual eles são uma espécie de relíquia. O folclore é parente genético não da literatura, mas da linguagem: a gênese do texto folclórico acompanha as leis de evolução da linguagem. A lei da evolução revela-se nas formas espirituais e artísticas reunidas na unidade fundamental da cultura material (ver EREMINA 1996 : 9-10). O procedimento morfológico consiste em extrair da totalidade chamada “conto” o tecido de tais motivos. É dessa maneira que se reconstrói a fisiologia do pensamento primitivo.

<sup>3</sup> Para mais detalhes, ver Doledjel (1990).

Propp, ele mesmo, considera o seu segundo livro, de 1946, como a segunda parte de sua *Morfologia do conto*. A conclusão do livro de 1946 expressa a unidade do conto através da análise de sua composição e situa essa unidade na história primitiva da humanidade. A obra é assim uma busca da “base histórica” que origina o conto. Em sua resposta a Lévi-Strauss (1966), Propp ressalta a unidade de seu díptico: a *Morfologia* contém, para ele, as premissas das *Raízes históricas*, que tentam explicar as causas históricas dos fatos estruturais previamente descritos no primeiro livro (PROPP 1983 : 566-584).

O fato de que os contos são compostos sempre dos mesmos elementos serve a Propp como prova de sua origem comum. A *Morfologia* o leva a vislumbrar o fator social que constitui a protoforma subjacente ao conto: é o caso do ritual de iniciação como fonte arcaica dos motivos do conto mágico. A lei da metamorfose, fundamental na morfologia goethiana, vem completar o paralelismo entre essas duas manifestações. As duas morfologias - a de Goethe e a de Propp - representam a busca de leis capazes de descrever a repetição dos fenômenos e também a causa da repetição. Longe de um interesse abstrato pela composição literária, a morfologia proppiana fundamenta-se nessa repetição presente nos contos russos. Propp teve por inspiração o projeto de Goethe que pretendia formular as leis por detrás da repetição observada nos reinos animal e vegetal. Essa busca é correlativa à noção de transformação dos elementos que se repetem<sup>4</sup>. A ideia da metamorfose implica uma perspectiva monogenética, derivando a diversidade das formas da uniformidade inicial. Ela comparece no princípio comum a Goethe e Propp segundo o qual o estudo da estrutura é o estudo das transformações.

A mesma ideia influencia a aurora do formalismo russo. Assim, Alexandre Petróvski, cujo seminário sobre poética Propp frequentou, inicia seu ensaio de 1921 com esta citação de Goethe: *Gestaltenlehre ist Verwandlungslehre*<sup>5</sup> (PETRÓVSKI 1921 : 106). Esse ensaio de Petróvski é conceptualmente próximo do estudo de Propp de 1928 sobre as transformações dos contos mágicos (PROPP 1928 : 70-89). O conto mágico, objeto de estudo de Propp, é apresentado como metamorfose contínua de um tipo primitivo. A metamorfose é o processo de onde parte toda a variedade dos contos. É nesse ponto que seu método se cruza com aquele de Goethe, para quem o objeto de estudo é caracterizado por uma série contínua de transformações.

A “forma primitiva”, *Urform*, é uma noção dinâmica por excelência. Proveniente dos domínios da ação, ela marca a própria região da metamorfose. Os personagens definidos por meio de sua função no conto serão, precisamente por força dessa definição, unidades instáveis, capturados pelos processos de metamorfose. Desse ponto de vista, os personagens do conto aparecem como limites de transição, como marcações de graus de transição que se realizam no interior das polaridades constitutivas do conto. Trata-se de elementos de um único processo de intensificação. Esse pano de fundo comum, suporte

<sup>4</sup> Ver a detalhada exposição da filosofia da natureza em Goethe em Lacoste (1997).

<sup>5</sup> “O estudo das formas é o estudo das transformações”.

das transições ou das metamorfoses, deixa entrever que os diferentes personagens formam um mesmo personagem. Analogamente, na perspectiva morfolologista e transformista da unidade do plano de composição, todos os animais são um mesmo animal e todas as plantas conhecidas formam uma única planta.

## Referências:

- DOLEDJEL, L. (1990). *Occidental Poetics: Tradition and Progress*, Lincoln, Univ. of Nebraska.
- EREMINA, V. (1996). «Kniga Proppa *Istoričeskije korni vol'ebnoj skazki* i eĵe rol' v sovremennom izučeníi skazki», in: V. Propp, *Istoričeskije korni vol'ebnoj skazki*, São Petersburgo: Universidade de São Petersburgo.
- GOETHE, J. (1790). *La métamorphose des plantes*, Paris, Triades, 1975.
- GOETHE, J. (1975). *Naturwissenschaftliche Schriften*, in: *Goethes Werke*, München: Verlag C.H. Beck.
- LACOSTE, J. (1997). *Goethe. Science et philosophie*, Paris: PUF.
- MARTYNOVA, A. (org.) (2002). *Neizvestnyj Propp*, S. Petersburgo, Aleteja.
- \_\_\_\_\_. (2006). *Vladimir Jak. Propp. Žižnennyj put'. Naučnaja dejatel'nost'*, São Petersburgo: Dmitrij Bulanin, 2006.
- PETRÓVSKY, M. A. (1921). «Kompozicija novelly u Mopassana», *Načala* n°1, 1921, Petrogrado, p. 106-127.
- PROPP, V. (1928). «Transformacii vol'ebnyx skazok» // *Poetika: Vremennik otdela slovesnyx iskusstv*: Gos. Institut istorii iskusstv, Leningrado.
- \_\_\_\_\_. (1928). *Morfologia do conto maravilhoso*, organização de Boris Schnaiderman, tradução de Jasna Paravich Sarhan, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- \_\_\_\_\_. (1983). «Strukturnoje i istoričeskoje izučenje volšebnoj skazki», in: Stepanov, Y. (org.), *Semiotika jazyka i literatury*, Moscou: Raduga.
- \_\_\_\_\_. (1946). *As raízes históricas do conto maravilhoso*, tradução de Rosemary Costhek Abílio e Paulo Bezerra, São Paulo, Martins Fontes, 1977.
- REFORMATSKY, A. (1983). «Opyt analiza novellisticheskoy kompozicii», in: Stepanov, Y. (org.), *Semiotika jazyka i literatury*, Moscou: Raduga.
- STRIEDTER, J. (org.) (1969). *Texte der russischen Formalisten*, Band 1, Wilhelm Fink :Verlag München.
- STRIEDTER, J. & STEMPEL, W. (org.) (1972). *Texte der russischen Formalisten*, Band 2, Wilhelm Fink : Verlag München.
- WARNER, E. (2005). *Vladimir Jak. Propp i russkaja folkloristika*, São Petersburgo: Filologitsheskij fakultet.

Roman Ossípovitch Jakobson nasceu em 11 de outubro de 1896 em Moscou. Estudou Línguas Orientais na Universidade de Moscou e, adolescente de dezenove anos, foi co-fundador e um dos presidentes do Círculo de Moscou, cujas atividades duraram de 1915 a 1920. O objetivo do grupo era o estudo sistemático da poesia, o que foi um dos fatores de impulso do formalismo russo e representou, nas palavras de Ruwet (1963 : 8), “uma das primeiras tentativas sérias de estudo científico da literatura e da linguagem poética”. Seus integrantes recusavam a aproximação ao mesmo tempo tradicional e questionável entre a biografia do autor e sua obra, concentrando-se nos aspectos técnicos da poesia, isto é, nos procedimentos empregados para a obtenção dos resultados. Em outras palavras, interessava-lhes o *fazer* e não o *ser* do poeta.

Em 1920, Jakobson muda-se para a Tchecoslováquia, onde conhecerá o *Curso de linguística geral* de Saussure. Concluirá seu doutorado em Praga, no ano de 1930, e atuará a partir de 1933 no magistério superior, na área de filologia russa da Universidade de Brno. Durante esse período, participa como um dos fundadores do Círculo Linguístico de Praga, em 1926, juntamente com linguistas tchecos e russos - notadamente o príncipe Nicolai Trubetskoy, conhecido por seus importantes trabalhos de fonologia e pela concepção das oposições entre termos marcados e não-marcados, que encontra aplicações não só na fonologia, mas em todos os níveis da análise linguística. O nascente estruturalismo de Praga procurava solucionar, no entender de Holenstein (1974 : 16-7), alguns conflitos engendrados pelo formalismo russo e pela linguística saussuriana; os trabalhos de Jakobson sobre a história fonológica da língua russa, por exemplo, visam demonstrar que “as leis estruturais e funcionais constitutivas do sistema sincrônico são igualmente válidas para o desenvolvimento diacrônico e [assim] a sincronia e a diacronia constituem uma unidade dinâmica indivisível” (*ibid.*). Os princípios para as duas formas de análise estavam sem dúvida presentes nos trabalhos de Saussure, a quem sempre coube o reconhecimento de iniciador da linguística estrutural; é talvez a esses linguistas de Praga, entretanto, que se deve atribuir o papel de fundadores de uma *prática estrutural* (cf. LOPES 1997 : 278), operacionalizando as formulações do mestre genebrino. É igualmente importante ressaltar, ao lado da insistência quanto à unidade da sincronia com a diacronia, o papel da percepção funcional dos fatos linguísticos, característica que acompanhará o restante da obra jakobsoniana daí por diante.

Data desse mesmo período um dos primeiros trabalhos sistemáticos sobre o caráter binário das oposições fonológicas, *Observações sobre a classificação fonológica das consoantes*, apresentado ao Círculo Linguístico de Praga em 1938 e publicado no ano seguinte. Nesse trabalho estão presentes algumas das constantes orientações metodológicas de Jakobson: a tentativa de sistematização das variantes em um número mínimo de variáveis; o interesse no universalismo das concepções e a busca pelas oposições mais simples e claras entre os objetos da análise. As duas primeiras qualidades estão associadas, como é fácil perceber, à vocação basilar do estruturalismo de “sistema de todos os sistemas”

(TYNIÁNOV & JAKOBSON 1928 : 105). Eis uma ilustração: “A presença das [consoantes] líquidas no sistema fonológico [das línguas naturais] é praticamente universal, ao passo que o desdobramento dessa classe em r e l está ausente em uma grande quantidade de línguas.” (JAKOBSON 1938 : 278). É possível perceber aí dois gêneros de oposição por relação à sua extensão: as consoantes líquidas se opõem ao restante das consoantes ditas “determinadas” (*ibid.*) - e essa oposição é universal; no interior da classe das líquidas, a oposição entre r e l corresponde a uma subdivisão de tipos (lateral e intermitente) cuja pertinência funcional é local, isto é, aplicável somente a um grupo de línguas (ainda que esse grupo seja numeroso). Já a terceira qualidade em causa, a que diz respeito à busca de oposições simples e claras, esta é a responsável pela epistemologia binária predominante nas análises jakobsonianas. Muito embora sejam apresentadas duas possibilidades de oposição binária, por contradição (ou privação, isto é, presença ou ausência de traços) ou por contrariedade (ou por gradação no interior de um mesmo gênero, como “grave” e “agudo”) (*ibid.*, 273), na prática as oposições do segundo tipo deixam-se sempre conduzir ao primeiro se as classes forem dicotômicas e, sobretudo, se os graus da qualidade investida não forem explicitados. No conjunto da obra jakobsoniana, as análises sempre se apresentaram sob essa forma, porque a seus olhos essa não é uma escolha do linguista, mas da própria língua - ou, mais radicalmente, um componente do racionalismo humano: “A dicotomia dos traços distintivos é, essencialmente, uma operação lógica, uma das primeiras operações lógicas realizadas por uma criança e - se passarmos da ontogênese à filogênese - da humanidade” (JAKOBSON 1949 : 424). São essas oposições binárias que formam os célebres diagramas em forma de figuras geométricas usados até hoje pelos fonólogos, de que o texto de 1938 oferece dois exemplos: um triângulo e um quadrado de consoantes (p. 276). O artigo termina mencionando a sugestão de Saussure segundo a qual não é o fonema, mas sim a oposição o elemento primário do sistema (JAKOBSON 1938 : 279), em uma das numerosas passagens de reconhecimento de afiliação ao mestre genebrino, esse mesmo de quem o linguista russo procuraria se distinguir em outras passagens não menos numerosas.

Com a ocupação da Tchecoslováquia pelos nazistas em 1939, Jakobson, que era de ascendência judia, parte para o exílio na Escandinávia (na Dinamarca, na Noruega e por último na Suécia). Ele havia travado relações naquele mesmo ano com L. Hjelmslev e V. Brøndal, fundadores do Círculo Linguístico de Copenhague, por ocasião de conferências oferecidas por eles em Praga a convite do círculo linguístico daquela cidade (DOSSE 1991 : 79). Durante esse período relativamente curto em sua carreira, Jakobson foi professor visitante nas universidades de Copenhague, Oslo, Uppsala e Estocolmo. Lança seus primeiros escritos sobre linguagem infantil e afasia, temas frequentemente revisitados em sua obra. É razoável dizer que, até o surgimento desses trabalhos, esses temas eram carentes de estudos linguísticos sistemáticos, sobretudo no caso das afasias.

Em 1941, Jakobson chega aos Estados Unidos, onde se estabelecerá definitivamente. Em 1942, torna-se o responsável pela cátedra de Linguística da Escola Livre de Altos Estudos, uma organização criada nesse mesmo ano por pesquisadores belgas e franceses em Nova York. Logo no início de suas atividades nessa Escola, encontra Claude Lévi-Strauss, também professor na recém-fundada instituição, que havia concluído seus trabalhos na Universidade de São Paulo em 1939, retornado a Paris e finalmente buscado refúgio em Nova York por conta das leis de exceção implantadas pelo regime de Vichy, na França ocupada. A influência recíproca entre os dois intelectuais foi gigantesca. Lévi-Strauss assistiu ao curso que Jakobson ofereceu entre 1942 e 1943, a ser publicado mais tarde sob o título *Seis lições sobre o som e o sentido*, onde são apresentados fundamentos das ideias de Saussure e noções de linguística geral, em particular sobre fonologia. Apesar de contar com alguns linguistas futuramente renomados em sua audiência - como Thomas Sebeok e Mattoso Câmara - a maior parte da audiência era constituída por especialistas de outros domínios. Por isso mesmo, talvez, é que essas conferências introdutórias foram tão fecundas junto àquele público, com Jakobson desempenhando um papel de grande importância como difusor da linguística estrutural. Esta viria a influenciar metodologicamente um considerável conjunto de ciências humanas, coisa que lhe valeu o posto de “ciência-piloto” dentre as humanidades. Em que pese a concorrência de outras ciências candidatas à mesma honraria, como a filosofia e a psicologia, com muito maior tradição e amplitude temática, é notável a conquista da jovem linguística estrutural junto ao público científico. Poucas vezes uma disciplina de caráter técnico, preocupada com unidades mínimas reunidas em classes abstratas, como o fonema e o morfema, e aparentemente tão distante dos “grandes problemas” tradicionais das humanidades, poderia aspirar a qualquer reconhecimento além de suas próprias fronteiras. Em seu prefácio às *Seis lições*, Lévi-Strauss escreve:

Por mais heteróclitas que possam parecer as noções de fonema e de proibição do incessto, a concepção a que eu chegaria da segunda é inspirada na função assinalada pelos linguistas à primeira. (LÉVI-STRAUSS 1976 : 12)

E, mais adiante, a explicação em detalhes:

As unidades elementares do discurso mítico consistem, certamente, em palavras e frases, mas que, nesse caso particular e sem querer aprofundar a analogia, seriam mais da ordem do fonema do que da palavra ou frase, pois, assim como o fonema, são unidades desprovidas de significação própria, mas que permitem produzir significações no interior de um sistema onde elas se opõem mutuamente, e só são produtivas por causa dessa oposição. (ibid : 16)

Em 1950, Jakobson encontra-se com Jacques Lacan em Paris, dando início a uma longa história de amizade. Roudinesco (1986 : 325) relata o costume do linguista russo

de se hospedar na casa de Sylvia Bataille, esposa de Lacan, nas suas passagens por Paris; esteve presente, também, ao famoso Seminário que Lacan ministrava semanalmente. Sua influência sobre o psicanalista foi decisiva na adoção deste último da linguística estrutural como horizonte epistemológico nos anos 1950 e 1960. Não só Lacan teve em Jakobson uma nova perspectiva acerca da obra de Saussure - ao lado das leituras sobre o tema recebidas de outros não-linguistas prestigiosos, como Lévi-Strauss e Merleau-Ponty - como adotou em um de seus pronunciamentos mais célebres (LACAN 1957) as concepções sobre o duplo funcionamento da linguagem, baseado nos pólos metafórico e metonímico que o linguista russo havia pareado às manifestações da afasia num artigo publicado no ano anterior (JAKOBSON 1956a). Além do arcabouço linguístico empregado, terá certamente aguçado o interesse de Lacan o duplo fato de o artigo de Jakobson voltar às afasias - tema caríssimo aos estudos de Freud - e procurar descrever nos termos da metáfora e da metonímia os mecanismos de condensação e deslocamento na elaboração dos sonhos. Em suma, pode-se dizer que Lacan confiou na linguística estrutural ao mesmo tempo enquanto instrumento e *modelo de ciência*, como testemunha esta passagem:

[...] hoje em dia as ciências conjecturais reencontram a noção de ciência de sempre, obrigando-nos a revisar a classificação das ciências que recebemos do século XIX num sentido que os espíritos mais lúcidos denotam claramente. [...] A linguística pode ser nossa guia nessa tarefa, pois este é o papel que ela desempenha perante a antropologia contemporânea [...]. A forma de matematização em que se inscreve a descoberta do *fonema* como função de pares de oposição formados pelos menores elementos discriminantes apreensíveis pela semântica nos leva aos próprios fundamentos em que a doutrina de Freud designa, diante de uma conotação vocálica de presença e de ausência, as fontes subjetivas da função simbólica. (LACAN 1953 : 284-5)

Em 1946, Jakobson torna-se professor de Estudos Eslavos na Universidade de Colúmbia, tarefa que desempenhará até 1949, quando vai para a Universidade de Harvard, na cadeira de Língua e Literatura Eslavas. Foi aí que ele teve apoio técnico tanto em equipamentos como em recursos humanos para avançar em suas pesquisas sobre acústica e, mais tarde, em cibernética (HOLENSTEIN 1974 : 17). Se no período do Círculo de Moscou e em parte de sua estada na Tchecoslováquia Jakobson esteve cercado por artistas, a partir dos anos 1950 nos Estados Unidos ele mantém contato com cientistas de diversas especialidades. Um destes foi seu conterrâneo A. Luriá, um dos pais da neuropsicologia moderna, cuja interlocução permitiu a Jakobson um grande aprofundamento em suas observações sobre as afasias. Até o artigo de 1956, o modelo utilizado no tratamento da questão vinha baseado na dicotomia saussuriana das relações associativas (paradigmáticas) e sintagmáticas, conduzindo a uma repartição em dois tipos de afasia, as de similaridade (parafasias e anomia) e as de contiguidade (agramatismo). Anos mais tarde, face às descrições de Luriá que identificam seis tipos de quadros afásicos, são apresentadas três dicotomias: disfunções de codificação / disfunções de decodificação,

limitação / desintegração e sucessividade / simultaneidade (JAKOBSON 1963).

Ainda em Harvard, Jakobson foi professor de Noam Chomsky, ele mesmo orientando de Morris Halle, que havia estudado com Jakobson na Universidade de Colúmbia - de forma que o célebre livro em co-autoria de Chomsky e Halle, *The Sound Pattern of English* (1968), é fortemente baseado nas contribuições fonológicas de seu professor em comum.

Chomsky viria a ser o nome mais frequentado da linguística americana contemporânea. Muito cedo em seu trabalho, ele se esforçou por distinguir o mais claramente possível a proposta de seu grupo, baseada no racionalismo, ante outras tradições da disciplina nos Estados Unidos, dentre as quais a vertente americana do estruturalismo - o distribucionismo, cujo principal representante é L. Bloomfield. Esse esforço de distinção, no entanto, provoca certa confusão quando não se sabe que “estruturalismo” está em pauta (cf. DUCROT 1971). Chomsky defendeu seu mestrado em 1951 sob a orientação de Zellig Harris, um dos difusores de Bloomfield; rapidamente, no entanto, começa a se distanciar das premissas bloomfieldianas, em particular do indutivismo, que representa aqui a possibilidade de reconstrução da língua a partir de um *corpus* limitado, atitude que Chomsky aproximaria de um empirismo ingênuo e de sua vertente psicológica, o behaviorismo (CHOMSKY 1967 : 1). No início dos anos 1960, sob influência de Jakobson, as menções a Saussure são numerosas e sempre elogiosas nos escritos do linguista americano, que chega mesmo a afirmar que Saussure é o pioneiro da linguística científica moderna (MAURO 1972 : 400). Como se sabe, essa atitude mudaria alguns anos mais tarde; dentre outras passagens, encontra-se em *Knowledge of Language* uma crítica da ausência de um estudo sistemático da frase no *Curso de linguística geral* (CHOMSKY 1986 : 19). Não obstante, a razão teórica essencial para o distanciamento do projeto de Chomsky daquele dos estruturalistas europeus é a tentativa de estabelecimento de uma gramática apartada da semântica, que é anunciada já em *Estruturas sintáticas* (1957). Jakobson responde à iniciativa de seu aluno com uma análise da famosa frase “sem sentido” “*Colorless green ideas sleep furiously*” (*ibid*), apresentando não só interpretações baseadas em critérios linguísticos como também instâncias literárias semelhantes dessa expressão (JAKOBSON 1959 : 204-6). O pensador russo, que sempre defendeu a análise integral dos fenômenos linguísticos, não poderia admitir que a semântica fosse colocada fora da teoria da gramática.

De qualquer maneira, apesar de suas eventuais divergências por relação às premissas estruturais e malgrado algumas confusões motivadas pelas críticas dirigidas ao movimento americano homônimo, Chomsky recebeu a influência do estruturalismo europeu e isso se deu primordialmente por intermédio de Jakobson, que foi um dos grande divulgadores da linguística europeia nos Estados Unidos e, um pouco depois das aulas em Harvard, colega de Chomsky no M.I.T., onde começou a lecionar em 1957. Para concluir sem deixar dúvidas sobre a importância das lições recebidas na obra do eminente estudioso norte-americano, eis aqui algumas palavras dele mesmo:

Pessoalmente aprendi muito com esse estruturalismo europeu, particularmente com Roman Jakobson, que foi meu mestre e é um amigo muito dileto; não preciso lembrar o quanto essas contribuições permanecem essenciais. (CHOMSKY 1972 : 64)

As colaborações diretas ou indiretas de Jakobson às teorias semióticas são também insubestimáveis, por diversos motivos.

Primeiro motivo, ele foi um dos mais importantes divulgadores de Charles Sanders Peirce junto às audiências interessadas em linguística e comunicação. Seu trabalho de 1965 é exemplar quanto à esperança depositada na teoria semiótica do pensador americano para uma confrontação da semiologia de saussuriana, mais especificamente do caráter arbitrário do signo. A visão peirciana é herdeira da vasta tradição filosófica que remonta ao *Crátilo* de Platão e busca refletir o relacionamento do signo com aquilo que ele representa, conduzindo a uma divisão de tipos de signo: ícone, índice e símbolo (JAKOBSON 1965 : 100-1). Dessa maneira, a questão da arbitrariedade versus a motivação do signo, que já fez secar a ponta de tantas canetas que grifaram Saussure, retorna a Jakobson municiada pelos escritos de um filósofo de grande envergadura, cuja celebridade póstuma ele ajudou a construir.

Segundo, a análise do poema *Os gatos*, de Baudelaire, empreendida em 1962 em conjunto com Lévi-Strauss, merece ser considerada uma das fontes privilegiadas das modernas teorias semióticas do texto. Bem se sabe o quanto a linguística tradicional resiste a tomar o texto como objeto de análise possível, isto é, metodologicamente fundamentada. Os dois autores, partindo de componentes locais de todos os níveis da análise linguística convencional (o fonema, o morfema, o léxico e a frase gramatical), chegam a uma interpretação global do poema, explicitando valores que só podem ser apreendidos na integração desses componentes no texto - e, assim, esta merece ser chamada de uma análise linguística do texto. Através dela, são revelados elementos semânticos, sintáticos, lexicais e estilísticos do poema. Outros estudos contemporâneos reunidos sob o nome de *Poética* na obra de Jakobson viriam a se encaminhar na mesma direção. É o caso do estudo sobre os oxímoros de Fernando Pessoa (JAKOBSON & STEGAGNO-PICCHIO 1968), para citar uma análise de versos em português.

Terceiro, mas não menos importante, há que se levar em conta o grande número de análises semióticas ou semiológicas que se utilizariam dos trabalhos de Jakobson como ferramenta teórica: a fonologia, em primeiro lugar, além dos estudos de poética e a teoria da comunicação.

Como se viu, a poética é objeto central das investigações de Jakobson desde o Círculo de Moscou. Ele próprio escreveu poemas e sempre advogou pela indissociabilidade dos estudos linguísticos e literários, repreendendo duramente os linguistas que pensam o contrário (cf., em particular, JAKOBSON 1960 : 162). Diferentemente da linguagem cotidiana, é na poesia que, para ele, somos obrigados a fixar a percepção na mensagem e reavaliar os componentes do discurso.

Quanto aos estudos da teoria da comunicação, trata-se, de acordo com Holenstein (1974 : 157), de mais um produto das tentativas de distinguir a linguagem poética da linguagem ordinária. Seu ponto de partida é o modelo-*organon* de Karl Bühler, de 1934 (JAKOBSON 1960 : 125). A partir dos anos 1950, graças à interlocução e à influência de pesquisadores ligados à teoria da informação, como D. McKay e C. Shannon, a descrição do “ato de comunicação” de Jakobson incorpora outros elementos e ganha a forma que a tornou célebre, com seis componentes, cada qual associado a uma função comunicativa: o remetente (função emotiva), a mensagem (função poética), o destinatário (função conativa), o contexto (função referencial), o código (função metalinguística) e o contato (função fática). (JAKOBSON 1956b; 1960<sup>6</sup>). Além disso, um segundo nível de percepção funcional seria derivado do predomínio de uma das funções sobre as demais na circunstância do ato.

As três primeiras funções comunicacionais estão presentes já no modelo de Bühler (*ibid* : 125-6), mas com importantes diferenças conceituais no tocante à “mensagem”. Inversamente, no trabalho de Shannon (1948), há mais componentes do que na descrição jakobsoniana, incluindo uma fonte de ruído e equipamentos eletro/eletrônicos de transmissão e de recepção (além do emissor e do receptor propriamente ditos, que são componentes humanos). O “contexto”, porém, está ausente, o que é compreensível, pois não faz parte da transmissão nem da recepção da informação propriamente dita, mas da intenção ou da interpretação do ato comunicativo. É interessante pontuar que Shannon não é citado nem no artigo de 1956 nem no de 1960 sobre o tema, o que provavelmente explica o fato de a maioria dos comentadores não mencioná-lo como fonte da descrição jakobsoniana; ele é referenciado poucos anos depois, entretanto, em um trabalho apresentado em 1961 à *American Mathematical Society*.

Quase três décadas passadas da morte de Jakobson, em 18 de julho de 1982, seria difícil imaginar o panorama da linguística do século XX sem levar em conta a sua atuação. Pesquisador incansável, ele estendeu os domínios da análise linguística a novos objetos e participou como figura central nos debates que consolidaram o formalismo russo e os estruturalismos tcheco, dinamarquês e francês; mestre de tantos mestres, contribuiu para a renovação da linguística americana e trouxe interlocutores de muitas outras disciplinas para os estudos linguísticos. Suas divergências com Saussure ganharam nova conotação em um de seus últimos escritos, quando comenta os estudos que Starobinski publicara alguns anos antes sob o nome de *Os Anagramas de Ferdinand de Saussure*: o linguista de Genebra havia se debruçado, afinal, sobre questões de poética. Talvez concordasse, no fim das contas, com aquilo que sintetiza na obra de Jakobson o interesse recíproco entre a linguística e a poética: “Na poesia, os sons da fala exibem espontânea e imediatamente sua própria função semântica” (JAKOBSON & WAUGH 1979 : 255).

<sup>6</sup> A descrição do ato comunicativo aparece nessa forma já no artigo de 1956 (que permaneceu inédito por algumas décadas), mas só se difundiu pelo artigo de 1960.

## Referências

- CHOMSKY, N. (1957). *Syntactic Structures*, The Hague: Mouton De Gruyter, 2002.
- \_\_\_\_\_. (1967). "A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior", in: Leon A. Jakobovits and Murray S. Miron (eds.), *Readings in the Psychology of Language*, Prentice-Hall.
- \_\_\_\_\_. (1972). "Entretien de Noam Chomsky avec Jean Paris", *Hypothèses*, Paris: Seghers/Lafont, *apud* Holenstein (1974 : 18).
- \_\_\_\_\_. (1986). *Knowledge of language: Its Nature, Origin, and Use*, Westport: Praeger.
- DOSSE, F. (1991). *História do estruturalismo*, Vol. I, São Paulo: Ensaio / Campinas: Unicamp, 1993.
- DUCROT, O. (1971). *Estruturalismo e linguística*, São Paulo: Cultrix.
- HOLENSTEIN, E. (1974). *Introdução ao pensamento de Roman Jakobson*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- JAKOBSON, R. (1938). "Observations sur le classement phonologique des consonnes", *Selected Writings*, Vol. I, The Hague: Mouton De Gruyter, 1971.
- \_\_\_\_\_. (1949). "On The Identification of phonemic entities", *Selected Writings*, Vol. I, The Hague: Mouton De Gruyter, 1971.
- \_\_\_\_\_. (1956a). "Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia", *Linguística e comunicação*, São Paulo: Cultrix, s/d.
- \_\_\_\_\_. (1956b). "Metalanguage as a linguistic problem", *Selected Writings*, Vol. VII, The Hague: Mouton De Gruyter, 1985.
- \_\_\_\_\_. (1959). "A concepção de significação gramatical segundo Boas", *Linguística e comunicação*, São Paulo: Cultrix, s/d.
- \_\_\_\_\_. (1960). "Linguística e poética", *Linguística e comunicação*, São Paulo: Cultrix, s/d.
- \_\_\_\_\_. (1961). "Linguística e teoria da comunicação", *Linguística e comunicação*, São Paulo: Cultrix, s/d.
- \_\_\_\_\_. (1963). "Toward a Linguistic Classification of Aphasic Impairments", *Selected Writings*, Vol. II, The Hague: Mouton De Gruyter, 1971.
- \_\_\_\_\_. (1965). "À procura da essência da linguagem", *Linguística e comunicação*, São Paulo: Cultrix, s/d.
- JAKOBSON, R. & LÉVI-STRAUSS, C. (1962). "'Les Chats' de Charles Baudelaire", *Selected Writings*, Vol. III, The Hague: Mouton De Gruyter, 1981.
- JAKOBSON, R. & STEGAGNO-PICCHIO, L. (1968). "Les oxymores dialectiques de Fernando Pessoa", *Selected Writings*, Vol. III, The Hague: Mouton De Gruyter, 1981.
- JAKOBSON, R. & WAUGH, L. (1979). *The Sound Shape of Language*, The Hague: Mouton De Gruyter, 2002.

LACAN, J. (1953). "Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse", *Écrits*, Paris: Éditions du Seuil, 1966.

\_\_\_\_\_. (1957). "L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud", *Écrits*, Paris: Éditions du Seuil, 1966.

LÉVI-STRAUSS, C. (1976). "Préface" in: Jakobson, R., *Six leçons sur le son et le sens*, Paris: Les Éditions de Minuit, 1976.

LOPES, E. (1997). *A identidade e a diferença*, São Paulo: Edusp.

MAURO, T. (1972). "Addenda", in: Saussure, F., *Cours de linguistique générale*, Paris: Payot, 1972.

ROUDINESCO, E. (1986). *História da psicanálise na França*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

RUWET, N. (1963). "Préface" in: Jakobson, R., *Essais linguistiques*, Paris, Les Éditions du Minuit, pp. 7-21.

SHANNON, C. (1948). "A Mathematical Theory of Communication", *The Bell System Technical Journal*, Vol. 27, pp. 379–423, 623–656, July, October 1948.

TYNIÁNOV, J. & JAKOBSON, R. (1928). "Problemas de los estudios literários y lingüísticos", in: Todorov, T., *Teoría de la literatura de los formalistas rusos*, México: Siglo Veintiuno, 1980.